



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25

Telefone 82431

BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de Carvalho

SÁBADO, 11 DE SETEMBRO DE 1965

SEMANÁRIO REGIONALISTA

POR PORTUGAL — POR BARCELOS

Composição e Impressão: Companhia Editora do
Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

VISADO PELA CENSURA

ASSINATURAS:
Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
Ano, 45\$00 e 110\$00 — Ultramar e Ilhas
Ano, 50\$00 e 160\$00 — Brasil
Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

FESTIVAL VICENTINO

NO PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA

Há cinco séculos nasceu em incerta cidade portuguesa, um tal Gil Vicente, mais vulgarmente conhecido por Mestre Gil, que em 1502 se insinua pela câmara da Rainha D. Maria, que na véspera havia partido o futuro Rei D. João III, vestido na pele de um pastor e recitando em castelhano o seu «Monólogo do Vaqueiro» ou «Auto da Visitação» que foi a primeira cousa que o autor fez e que em Portugal se representou. Quem

seguiram transformar em símbolos de gente que já não respira. É que Gil Vicente escreveu com sangue, em vez de tinta, a beleza e a podridão, vivendo as mais variadas personagens, com tal poder de observação, que conseguem transpor, sem parecerem figuras de cera de museu, estes tumultuosos anos de existência.

Assim, depois de «O Monólogo do Vaqueiro» ouviremos as lamentações de uma mulher que se queixa, amargamente, da carestia do vinho. Gil Vicente foi buscar esta sua «Maria Parda» aos becos sórdidos e sombrios de Lisboa com todo o



era este homem, misto de poeta e de actor, que assim dá início ao teatro português? Eis uma pergunta assaz difícil de responder.

Mas para lá das sombras que envolvem pormenores da sua vida, brilha, em toda a sua pujança, uma obra viva e actual, plena de beleza e de sentido. Um mundo imenso de gente evade-se dos seus autos com uma força tão extraordinária que cinco séculos de existência não con-

seu cortejo de imprecações. Na «Súplica da Cananeia», Gil Vicente, parafraseando, com rara emoção e beleza, um passo dos Evangelhos, evoca a figura torturada de uma mãe, que implora a Deus a cura da filha. O cotidiano e o sublime são apresentados através dos dramas destas mulheres com igual altura poética e compreensão humana.

(Continua na página seis)

O Caminho de Santiago começa em Barcelos

Ainda o sol se escondia no horizonte, preguiçoso no seu infundo caminhar, e já os Bombeiros de Barcelos se atarefavam, não chegassem atrasados para o «seu» passeio a Santiago de Compostela, para admirar, e mais do que isso, fazer a peregrinação ao Apóstolo Santiago, no Ano Santo Composteleano. Quase não houve atrasados; os Bombeiros chefiados pelo Comandante António Sousa Costa partiram, par percorrer a distância até à fronteira em marcha moderada.

Com o grosso da coluna em caminho, um pouco mais tarde começou a chegar o resto da Caravana, constituída por dirigentes e Comandos dos Voluntários de Barcelos. O primeiro a chegar ao largo José Novais foi o carro do Sr. Anibal Araújo. Seguiu-se o dos Srs. Mascarenhas Sineiro,

Dr. Falcão Machado

Depois de ter participado num Congresso em Bruxelas e ter visitado vários países da Europa, regressou já a Portugal o nosso querido amigo, ilustre Colaborador de «O Barcelense», Sr. Dr. Fernando Falcão Machado, que nessa digressão pedagógica-turística foi acompanhado por sua dedicada Esposa. Ao nosso douto amigo os cumprimentos de «O Barcelense» e seu director, e também os agradecimentos pelo bonito postal da «residência real» de Bruxelas.

Comandante Quintas, António Pedras, Francisco Carvalho, Dr. Adélio Campos e Bártolo Paiva.

A segunda coluna ia começar a rodar, mas soube-se que faltava um bombeiro, um atrasado que merecia ser repescado e que só o cansaço, juntamente com o verdadeiro sono dos «justos» o faria chegar atrasado, ou mesmo não ir, a um passeio para o qual trabalhou dentro das suas possibilidades artísticas. Claro que para os bombeiros o seu nome não era necessário, pois todos conhecem o 35, o Joaquim Carvalho, mas para umas notas de reportagem, fica bem registá-lo.

Começamos, nós também, o caminhar para Santiago, Barcelos acima, sempre por uma estrada marginal, com horizontes largos a perderem-se no mar revolto, ou então visão cortada pelas serras ou montes do norte da Galiza. De qualquer modo, o panorama era encantador, e a aragem fresca, porque era ainda manhã cedo, cerca das sete e pico, e as manhãs deste verão foram todas elas bastante frias, não deixava que a janela fosse aberta, até mesmo para mostrar ares de turistas importantes.

Viana foi alcançada num pulo; Moledo e Caminha também, o mesmo acontecendo com Valença, cidade antiga, fronteira, local de

(Continua na página seis)

Cartas de algures

Que saibamos, não há ainda conhecimento público de qualquer notícia relacionada com a localização do Futuro Palácio da Justiça.

Vimos, pela Imprensa, que o assunto continua pendente de solução de carácter governamental tanto que, em ligação com o caso, tivemos há bem pouco tempo, a auspiciosa visita do próprio Director Geral do Ministério das Obras Públicas. Logo, o suposto local, até agora indigitado, é unicamente, aquele a que aludimos em uma destas Cartas de Algures, isto é, aproveitamento do corpo dos Paços do Concelho voltado a Nascente.

É este, pois, o único ponto sobre o qual recai o direito de quem quer que seja fazer incidir sua crítica, desde que correcta e mais ou menos ajustada. Quando indi-

(Continua na página 3)

Aziúmes dum homem de mau humor

Por FALCÃO MACHADO

Aproxima-se o dia 23 de Setembro, aniversário da publicação como Lei do País, do Estatuto Nacional do Trabalho, que ocorreu em 1933.

Neste diploma legislativo se restabeleceu o Corporativismo.

E digo restabeleceu porque, desde idades muito remotas e indeterminadas, até 1834, o Corporativismo foi instituição nacional.

Neste ano de 1834, em consequência das ideias liberais, então proclamadas e impostas ao país, foram extintas as Corporações existentes — e proclamada a liberdade de trabalho.

As Corporações antigas tinham surgido pela necessidade de associação, que o homem tem. Assim como se associa para constituir família, ou por motivos de vizinhança, para tratar de interesses comuns, também se associa por motivos de trabalho e profissão.

Todavia, se os municípios (associações de vizinhança) e as famílias (associações de sangue), não se quebraram com o advento do Liberalismo, as Corporações foram-se abaixo — e só há uma explicação: já não serviam o fim em vista, não tinham capacidade de resistência, eram um anacronismo perante a evolução social de então.

Mas, apesar desta liberdade de trabalho, individualista, que o Liberalismo proclamava e apregoava, a necessidade de associação por motivos profissionais e de trabalho era tão forte, que, imediatamente, os trabalhadores portugueses se associaram, de novo, não em associações do tipo Corporação, mas de outros tipos, para defesa de seus interesses.

Foram as Cooperativas — de Consumo — inspiradas no movimento cooperativo de Rochedale, para defesa das famílias contra o custo de vida, que aumentava dia a dia.

Foram as Associações Mutualistas, ou de Socorros Mútuos, para fortalecimento dos laços de solidariedade que uniam os trabalhadores perante as calamidades e vicissitudes que os atingiam, e às famílias: invalidez, doença, morte, etc.

Foram, finalmente, os Sindicatos, ou associações de fins profissionais, propriamente ditos, mas que, em consequência do desenvolvimento do Industrialismo, e dos seus efeitos, se orientavam para a luta de classes,

A Lavoura em Foco

Pelo Dr. Manuel Alves do Vale Lima

Quando termina esta situação anormal em que presentemente se encontra o vinho americano, no que respeita à sua produção e comércio?

Esta pergunta que há longos anos vêm fazendo os produtores de vinho verde, repete-se e infelizmente não sabemos até quando.

Decreto-se o corte das videiras americanas. Brigadas de fiscalização foram então postas em movimento. Uns cumpriram a Lei e outros mais retardados e talvez mais espertos conservaram as suas vinhas intactas e gozam hoje duma situação privilegiada, pois além daquela produção, habitualmente abundante, mesmo sem aqueles cuidados de tratamento que o vinho verde não dispensa, têm uma colocação assegurada e a bom preço, pois a procura é cada vez maior, talvez por constar que a sua venda é

proibida. Acresce ainda que esse vinho não está sobrecarregado com qualquer taxa, nem mesmo o seu comércio conta para efeitos de avença.

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes que não pode em absoluto desconhecer esta situação tão prejudicial para o produtor do vinho verde, ainda há poucos anos prometeu que o vinho americano deixaria de ser comercializável, para o que seriam tomadas medidas adequadas. Porém, que nos conste a tal respeito, apenas se verifica uma procura cada vez maior desse produto para os grandes centros, onde nos dizem que é vendido à descarada.

Há dias dizia-nos um retalhista de vinhos: «se um fiscal encontra por aqui uma malga a cheirar a vinho americano cai a casa e esse vinho agora paga-se cada vez melhor e foge para o Porto e outras cidades. Ainda há dias fui alouçar a uma casa de comidas, no Porto, pedi vinho americano que me foi servido sem qualquer hesitação».

Será que o vinho americano, noutros tempos a bebida dos pobres, passa agora a ser exclusivo das classes mais privilegiadas? Parece que sim, dada a cotação que está a atingir.

Mas a lavoura reclama que este caso seja definitivamente resolvido e que todos tenham os mesmos direitos: ou se permite a cultura da videira americana ou se acaba com essa minoria que por não ter cumprido a Lei usufrui hoje regalias especiais.

Esta petição é absolutamente justa e muito fácil de atender.

— : —

E, já que se aborda o problema dos vinhos, vem a propósito um breve comentário acerca do convite

(Continua na página seis)

(Continua na página 6)

O Prémio «Gomes Pereira»

FOI ATRIBUÍDO

A Comissão Municipal de Turismo, à frente da qual se encontra o Sr. Dr. Mário Cerqueira Correia, instituiu um concurso anual denominado «Gomes Pereira» e que visa fundamentalmente incentivar a recolha de dados etnológicos e criar novos etnogramas. Tal mentalidade merece os maiores incómos, até mesmo porque os objectivos têm sido atingidos, o que para Barcelos não deixa de ter interesse porque se torna conhecido além fronteiras pela sua actividade em prol do desenvolvimento cultural do povo português. Na medida em que isso se alcança, estamos a realizar obra útil, profícua, de alcance objectivo que muito honra, também, quem se lembra desta, por assim dizer, jornadas culturais de Barcelos.

De acordo com a decisão do Júri, foram galardoados este ano com o prémio «Gomes Pereira» as seguintes obras:

Livro — *Palheiros do Litoral Central Português*, de Ernesto Veiga de Oliveira e Fernando Galhano;

— Estudo feito por um etnógrafo jovem — *Ementação das Almas* — (Rezas da Ceia), do Padre Carlos Alberto Ferreira de Almeida;

— Estudo sobre tema barcelense — *Uma Carta de amor* — (Séc. XVIII), de Eugénio Lapa Carneiro.

A Comissão Municipal de Turismo, desejando dar ao acontecimento a projecção devida, resolveu fazer a entrega dos prémios numa Sessão Pública, que se realizará no próximo dia 25 de Setembro, pelas 21,30 horas, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Barcelos.

Nesse dia o Sr. Dr. Ernesto Veiga de Oliveira proferirá uma conferência subordinada ao tema *Princípios basilares das ciências Etnológicas*, sendo de esperar que o público barcelense corresponda como no ano transacto, em que a entrega do Prémio «Gomes Pereira» constituiu um acontecimento cultural de elevado nível.

Amanhã é Domingo

Secção dirigida por P. ARTUR

Pensamento — «Não percas as tuas energias e o teu tempo, que são de Jesus, atirando pedras, aos cães que te ladrem no caminho. Despreza-os».

«Caminho — 14»

Dia 12 de Setembro — 14.º Dom. d. do Pentecostes. Missa pr. com Glória, Credo e Pref. das S. S. Trindade. Paramentos verdes.

«EVANGELHO»
(S. Mat. VI, 24-33)

Naquele tempo, Jesus disse aos Discípulos: «Ninguém pode servir a dois senhores: ou amará um, odiando o outro, ou gostará deste, desprezando aquele.

Assim, vós não podeis servir a Deus, e ao dinheiro. E por isso que Eu vos digo: Não andeis aflitos com o que haveis de comer ou de beber para sustentar a vossa vida, nem com que cobrireis o vosso corpo. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que o vestuário? Reparái nas aves do céu: não semeiam nem colhem, nem guardam nada em celeiros; mas o vosso Pai do Céu sustenta-as! Não valeis vós muito mais do que elas?

E, afinal, qual de vós, pelo facto de se inquietar, consegue prolongar a vida, mesmo por pouco tempo? Quanto ao vestuário, por que haveis de vos preocupar? Vede como crescem os lírios do campo sem trabalhar nem fiar. No entanto, Eu digo-vos: Nem Salomão, com toda a sua magnificência, se vestia como um deles! Ora, se Deus veste assim a croa do campo, que hoje existe mas amanhã será lançada ao fogo, que não fará Ele por vós, homens de pouca fé?!

Não andeis, pois, aflitos dizendo: «Que havemos de comer?» Ou ainda: «Que havemos de vestir?» Os pagãos é que andam sempre preocupados com estas coisas. Vosso Pai celeste sabe que necessitais de tudo isso. Procurai antes de tudo o Reino de Deus e a Santidade, e o resto servos-á dado por acréscimo».

REFLEXÃO

Não há dúvida, meus amigos, que o mal não está na «falta de livros» nem de coisa que o pareça... mas tão somente na «falta de tempo» para reflectir e para escrever — o tempo que, sendo tão precioso a ponto de os ingleses lhe chamarem «dinheiro», passa tão depressa mormente para quem o tem diariamente todo tomado.

Ora, é mesmo dentro desta contingência e desta limitação que o escritor Escrivá, em o «Caminho» (o Caminho é Cristo) nos lança ao rosto estas duras palavras que nos fazem pensar muito a sério: — «Pretextos —

Nunca te faltarão para deixares de cumprir os teus deveres. Que abundância de razões... sem razões! Não pares a considerá-las — Repele-as e cumpre a tua obrigação».

Duras, não é verdade? Mas estão certas... contudo, sempre apresentamos razões!...

«Não andeis, pois, aflitos... Os pagãos é que andam sempre preocupados...» — Assim é, Senhor, mas tenho de pensar na família, no comer, no vestir, na instrução dos meus, na doença, no futuro...

Contudo, não te sirva isto de pretexto para deixares de cumprir, em primeiro lugar, as tuas obrigações para com Deus. Ou, porventura, ousaremos colocar o nosso «eu» acima dos direitos de Deus, Criador e Senhor?

Já pensaste que a nossa vida, na terra, tem de processar-se numa dimensão vertical rumo a Deus e noutra horizontal para com os nossos irmãos? E bom que penses em ti, é excelente que cuides dos teus irmãos de sangue e de adopção, mas é essencial que, antes, — mais teológico dizer: ao mesmo tempo — estejas de boas relações com Deus, pelo cumprimento da Sua Vontade.

Como causa espanto a tantos incautos ouvir falar de santidade nestes tempos materialistas, século das velocidades, das técnicas... da irreflexão! Pois, bons amigos, vós que andais sempre tão apressados, tendes, como eu, de ser santos... Vós os peritos de alguns dos segredos da natureza, mais do que ninguém podeis e deveis ser santos. Afinal, se-lo-eis se andares na graça de Deus e, cada manhã, Lhe oferecerdes o dia que Ele nos concede...

O que é preciso é que nós sejamos homens... homens coerentes connosco próprios, incapazes de agirmos no campo do erro ou da dúvida sempre tão prejudicial ao espirito... «homens de fé» e não «ervas do campo que hoje existem e amanhã serão lançadas ao fogo»... homens que mostremos ter uma coluna vertebral — queria dizer carácter e personalidade — e não «canas agitadas pelo vento» que, ora oscilam para um amigo, ora o apunhalam pelas costas e se voltam para quem lhes oferece mais interesses!

Porventura não podemos ser santos mesmo no meio do lodo e da podridão que nos cerca? Não podemos viver no mundo, sem nos deixarmos ser mundanos? Não havemos de ser alegres e bem dispostos (se temos Deus conosco!) até para compensarmos a tristeza e a falsa alegria do mundo... alegria oca feita de gargalhadas secas?

Sim, se cumprimos os nossos deveres, se andamos na graça de Deus, se procuramos, antes de mais, a expansão do Reino de Deus, somos Santos e, consequentemente, temos de ser alegres, que «o resto servos-á dado por acréscimo».



EXTERNATO ALCAIDES DE FARIA

(Sexo Feminino)

CURSO LICEAL

(1. e 2. Ciclos)

Matriculas de 1 a 12 de Setembro

Telefone 82346

BARCELLOS

CRIME

Continuação do n.º 2830

(CONTO)

por ALFREDO SALDANHA DE OLIVEIRA

— Adivinhaste!... Eu já sabia que adivinhavas. É o jogo... é a pouca sorte.

E fechando os punhos como um louco gritou:

— Mas hei-de ganhar, hei-de ganhar ao menos o que perdi... Minha filha, minha querida filha, não há-de morrer à fome.

E num movimento brusco lançou-se nos braços de Conceição, beijando-a repetidamente.

— Não jogue, meu pai — pediu ela amedrontada e quase sem atentar no que dizia.

— Não jorges, Bernardo, não jorges pelo amor de Deus — secundou Irene.

— Deixai-me jogar, hei-de ganhar... e depois de um momento de silêncio — Onde está a chave da caixa?

— Para que queres tu a chave?

— Preciso de dinheiro.

— Bernardo — suplicou a mulher aflita — Bernardo, não jorges. Olha que podes perder numa noite o fruto das nossas economias e suores. Pobres, éramos tão felizes...

— Não te dê isso cuidado. A sorte há-de virar para mim. Tenho a certeza que vou ganhar e recuperar o perdido. Ganhar... e tu, minha filha, serás rica, muito rica e feliz...

Quase delirava o pobre. Depois ficou pensativo: a ideia de perder os poucos escudos economizados à custa de tanto suor e trabalho, perturbava-lhe o espirito. Mas, de repente, afastou esta ideia perseguidora.

— Dá-me a chave.

— Homem sem coração! Pega, pega a chave, perde tudo e morremos à fome — disse Irene, exaltada e a chorar.

Bernardo tomou a chave e sem um momento de hesitação correu à caixa. Havia aí panos, toalhas, roupas diversas e pequenas caixas de papelão. Ele tomou uma, abriu-a e meteu no bolso o seu conteúdo: algumas notas de Banco e dois pequenos objectos de ouro.

— Tudo, até o cordão e a aliança... tudo, vai perder tudo — gemia Irene a um canto, observando o marido.

— Pronto — exclamou ele a sorrir — tenho dinheiro suficiente. Vereis que volto rico. Até logo!

E saiu a correr.

— Bernardo, Bernardo! — gritou ainda a mulher.

Não a ouviu. Correu todo o caminho. Ao chegar junto à taberna abandonou o passo e escutou.

— Ah! ainda lá estão — murmurou com ar de satisfação.

Entrou. Três jogadores rodeavam a mesa de jogo, entretendo-se a fazer combinação de dados. Não se admiraram quando o viram entrar. Parece que o esperavam já.

— Eis-me de novo. Vamos a outra partida — disse ele puxando de um banco e sentando-se junto à mesa.

— Vamos a isso — responderam os demais, acotovelando-se com um sorriso de ironia.

— Cá temos de novo o papalvo — murmurou um ao ouvido do parceiro.

— Vamos «secá-lo»...

— Com este dá gosto jogar... — continuou o outro em surdina e esfregando as mãos.

— E rendimento...

A voz do «banqueiro» interrompeu-os:

— Vamos a isto!

— Para começar, aí vão quinze.

— Eh! Bernardo! Isso é que é!

Hoje sim! — felicitaram os adversários, batendo-lhe amigavelmente nas costas.

Rapidamente um mais arguto propôs:

— O rapazes, o Bernardo hoje está forte. Não podemos jogar assim...

— Pois claro, pois claro — acrescentou outro percebendo-lhe a intenção —, só jogamos se o Bernardo nos deixar fazer «sociedade».

— Ah! isso é evidente — sentenciou o gordo taberneiro, pacientemente apoiado no balaço.

— E como é isso? — perguntou Bernardo com inocência.

— Por exemplo, tu agora jogas quinze. Nós três põmos na mesa cinco cada um. Se tu ganhares, apanhas os cinco de todos, se perderes, largas cinco a cada um.

— Está bem, tanto se me dá como se me deu — respondeu ele, tomando os dados.

— Vais ficar «limpo» — murmurou o taberneiro aproximando-se da mesa para ver melhor.

— Aí vão os dados...

— Oito! — exclamaram todos.

— Esta é difícil... atira tu João.

— Três! — gritou Bernardo — venham para cá os quinze escudos.

O jogo continuou. A principio a sorte inclinou-se muito favoravelmente para Bernardo, com grande espanto dos adversários que não perdiam muito, no entanto, devido ao ardiloso processo que adoptaram: Enquanto Bernardo estava sujeito a perder quinze escudos de uma só vez, eles apenas perdiam cinco cada um.

Entusiasmado, o nosso homem pediu para subir:

— Vinte!

Os jogadores entreolharam-se espantados e duvidosos, mas aceitaram.

Por fatalidade, Bernardo perdeu essa vez e mais duas a seguir.

— Baixemos o jogo — pediu ele vendo-se apenas com algumas notas.

Os outros, porém, vendo que a situação os favorecia, não consentiram:

— Não, não se pode estar sempre a mudar. Agora fica assim.

E ficou... e Bernardo perdeu, perdeu tudo.

No dia seguinte foi trabalhar. Trabalhar? Não! O machado não tocou árvore alguma. Bernardo ficara todo o dia imóvel, escondido numa moita de austrálias novas. Estava nervoso, contorcendo-se, agitava-se e recaía pouco depois na imobilidade, para logo em seguida se voltar e revolver na terra. Estava desesperado.

A noite regressou à taberna. Ainda tinha as duas peças de ouro que se esquecera de jogar na véspera.

Os mesmos jogadores do dia anterior esperavam-no, fazendo comentários e rindo sarcásticamente do pobre homem. Aquelas almas cruas, sem Deus, emperdenidas pelo vício, nem sequer a pobreza respeitavam. Afigurava-se-lhes mais uma oportunidade rendosa e era isso o que interessava, levassem embora a miséria a um lar.

(Continua na página 4)

Isolina de Jesus Faria

Agradecimento e missa do 30.º dia

A família de D. Isolina de Jesus Faria, julga ter agradecido a todas as pessoas das suas relações e amizade, que por ocasião do falecimento da saudosa finada, lhe apresentaram penhorantes provas de afecto e deferência, mas receosa de qualquer falta involuntariamente praticada, pede desculpa, demonstrando mais uma vez o seu expressivo reconhecimento.

Em sufrágio de sua alma e para seu eterno descanso, na próxima terça-feira, 14 de Setembro, vai rezar-se na Igreja do Senhor Bom Jesus da Cruz, pelas 9 horas, um Terço de Missas, tornando-se o acto carecido de maiores agradecimentos ainda, a todos aqueles que tiverem a gentileza de lhe dar a sua grata assistência.

Barcelos, 11 de Setembro de 1965.

A Família

ESCURTISMO

Retomando as suas actividades escutistas, a Junta Local de Barcelos, do Corpo Nacional de Escutas, em cumprimento do compromisso assumido há um ano na Concentração Anual de Dirigentes de Núcleos da Região de Braga, efectuada em Guimarães, vai promover a organização nesta cidade de igual concentração, no próximo dia 26 de Setembro, mediante o seguinte programa, para tal fim elaborado:

9,30 horas — Missa na capela privada da Casa dos Rapazes de Barcelos.

10 horas — Início das reuniões de trabalhos.

12,30 horas — Almoço de todos os dirigentes presentes.

14,15 horas — Segunda parte da agenda de trabalhos.

16,15 horas — Apresentação das conclusões.

16,45 horas — Encerramento e despedida aos visitantes.

Convidam-se por este meio os antigos dirigentes barcelenses a tomar parte nesta magnífica concentração e reunião de trabalhos escutistas, a qual se esperam as melhores resoluções para o futuro do Escutismo na Região.

Os dirigentes que desejem tomar parte no almoço, devem fazer a fatura de se dirigirem até ao dia 20 do corrente ao Di.º Chefe do Núcleo de Barcelos do C.N.E., Rev.º Sr. Padre João Pereira Linhares, Pároco da freguesia de Gamil-Barcelos.

Junta Local — Efectuou-se no passado dia 4 do corrente, a habitual reunião de dirigentes do Núcleo de Barcelos, que entre outros assuntos tratou de variados despachos com vista a uma vida escutista mais desenvolvida no nosso meio, pelo que se aguarda um maior incremento deste salutar movimento de formação e educação de jovens.

Chefe Ibido

Farmácias de Serviço

Amanhã, Domingo encontram-se de serviço permanente

FARMÁCIA LAMELA

Rua D. António Barroso

Em Barcelinhos: J. ALVES DE FARIA

Rua Miguel Miranda

PARA
CÂMBIO E VIAGENS
UTILIZE A ORGANIZAÇÃO



TURISMO

RIO DE JANEIRO
AV. RIO BRANCO, 125-B
COPACABANA
AV. N. S.ª DE COPACABANA, 391-B
S. PAULO
RUA 3 DE DEZEMBRO, 64

CORRESPONDENTES EM PORTUGAL

PINTO DE MAGALHÃES

BANQUEIROS

UMA ORGANIZAÇÃO MODERNA E EFICIENTE
PARA TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

PORTO — LISBOA
AMARANTE — ARCOS DE VALDEVEZ
CHAVES — COVA DA PIEDADE
ELVAS — PENICHE — TOMAR
VILA DA FEIRA — FÁTIMA



RIO DE JANEIRO

BANCO PINTO DE MAGALHÃES S. A.

RUA DO OUVIDOR, 86

Ainda as Falsificações

Falsificar, seja o que for, desde as sedutoras notas de banco até ao vinho tinto, é sempre e em quaisquer circunstâncias um delito extremamente grave, que implica, para quem o pratica, um labéu infamante e que só deve ser atribuído àqueles que provadamente o merecerem sem margem para dúvidas.

Escrevemos há semanas, nestas colunas, algumas considerações sobre as falsificações do azeite e a sua determinação fiscal. Como então dissemos, a fiscalização usa actualmente um método analítico (se é que assim pode chamar-se) fundamentado na maior absorvência dos azeites adicionados de óleo de bagaço.

Os métodos anteriormente usados ofereciam características que não possuíam na realidade um valor absoluto, pois este, se existia em relação aos resultados negativos, deixava de aparecer em relação às positivas. Justificou-se assim a necessidade de um método de determinação expedito e seguro que permitisse uma análise acurada dos azeites.

Ora o método espectro-fotométrico, a que nos referimos no escrito citado, parece enfermar de características curiosas, no seu valor real e prático. Vejamos um exemplo característico.

Dado azeite, de pureza absolutamente assegurada, de baixa acidez, é classificado como de óptima qualidade e, portanto, com características legais. Entra em armazém e, passados tempos, a sua absorção elevou-se para 0,6 — e o mesmíssimo azeite passa a merecer a classificação de «sem características legais». Então o armazenista resolve refiná-lo e a absorvência passa para 0,8. E lá temos o sempre mesmíssimo azeite a ser pura e simplesmente «falsificado».

A mudança de absorvência não depende só, como alguns menos informados podem supor, de um deficiente modo de refinação. Basta dizer que, durante a simples armazenagem, a absorvência pode aumentar muito — e que, em olivais geograficamente muito próximos, a absorvência dos azeites produzidos pode ser completamente distinta. Podemos citar, em abono da última afirmação, que em Barca de Alva, em azeites refinados, se verificaram mudanças de absorvência de 0,13 para 0,78 e de 0,16 para 0,52!

Este é, grosseira e resumidamente, o problema do ponto de vista tecnológico e industrial.

Vejamos agora e em complemento do que escrevemos anteriormente, o que se passa no referente ao consumo.

Dividindo teoricamente a produção nacional de azeite em 3 sectores, teremos azeites de muito boa qualidade, de média qualidade e de baixa qualidade e características que os torna legalmente impróprios para o consumo.

Dado que os do último escalão, por motivos evidentes, não podem ser refinados (dado que a tal absorvência subiria fatalmente e os arrepassaria para o campo dos «falsificados»), a indústria de refinação é forçada a laborar os azeites de média qualidade — que passam assim a ser retirados do consumo de prato, em prejuízo do abastecimento. Na

realidade, se somos forçados a frequentes importações de azeite, por que pôr obstáculos ao melhoramento dos azeites de qualidade inferior?

O abastecimento sofre assim uma severa rarefacção — e o consumo acaba por ter que se contentar com azeites importados — esses, sim, na sua maioria de péssima qualidade. E resta ainda perguntar se o azeite que é vendido para a alimentação (a que no nosso português simplista chamamos «de prato») é sujeito a uma fiscalização tão severa como o é o destinado à refinação ou o refinado.

Chegamos agora ao terceiro sector, que é o que mais poderá interessar ao agricultor — da nossa ou de qualquer região.

E lei geral que qualquer produto que não tenha características legais sofra, como é lógico, uma desvalorização. Ora desvalorizar um produto que poderia facilmente ser beneficiado é, na nossa modesta opinião, um erro, não só técnico mas sobretudo económico.

E os produtores desses azeites de elevada acidez e de absorvência elevada — que farão a esse azeite, cuja venda lhes está legalmente vedada? E a nossa lavoura tão rica que possa dar-se ao luxo de o fazer correr para uma cova? Ou teremos que admitir como prática de aceitar a introdução, inevitável e quase natural, desses azeites no consumo?

A Lavoura, nesta hora amarga que passa para a nossa boa terra, não está em posição de ser objecto de medidas que directa ou indirectamente lessem os seus interesses — bem parcos e bem sobrecarregados já. Há, pois, que respeitar os seus direitos a uma protecção que bem merece de há muito. Nestas e noutras coisas que já aqui temos trazido — tempo é que se pense também um pouco nos que trabalham a terra.

Eurico de Campos Gondim
(Eng.º-agr.)

E a Propósito...

Continua a verificar-se com frequência casos de falsificação de vinho verde. Hoje é o branco feito com palha centeia, agora é a baga a fazer bons tintos, de parceria com a boa aguardente de figo, depois é o contrabando dos maduros e são os lotes com uvas verdes. Valha-nos Deus!

«O Primeiro de Janeiro» de 7-9-65.

João Augusto de Almeida

Em viagem turística partiu para a Alemanha o nosso ilustre amigo e incansável Comandante da Legião Portuguesa de Barcelos, Sr. João de Almeida e que se faz acompanhar de sua dedicada esposa.

Boa digressão e óptimo regresso.

Propriedade em Creixomil

Vende-se casa e terrenos, junto à Igreja Paroquial.

Para tratar — Farmácia de Cabreiros — Braga.

Arciprestado de Barcelos

Recebi hoje da Caritas Central — Lisboa, a carta do teor seguinte: «Encontrando-se em poder de várias entidades atrias a esse Centro Distribuidor, diversas taras respeitantes às remessas de géneros que enviámos em devido tempo, lamentamos ter de informar (V. Rev.º) de que suspenderemos o envio de novas remessas de géneros a todas as entidades que até 15 do corrente não tenham saldado o débito da conta «TARAS».

Esta nossa atitude baseia-se no facto de muitas entidades mostrarem-se pouco cumpridoras no que respeita à devolução daquelas taras, muito embora não ignorem a obrigatoriedade de tal cumprimento. Devem despachá-las para o Armazém, sito na Av. Elias Garcia, 123 — Lisboa.

Aproveito a ocasião para lembrar aos Rev.ºs Párocos, que fazem parte do Centro de palestras eclesásticas da cidade de Barcelos, que essa reunião mensal do Rev.º Clero será no dia 7 de Outubro p.f. pelas 9,30 horas na forma do costume. Se não puder ser antes, nessa altura entregarão as esmolas para a Universidade Católica, O. V. S., e Centro Social de Angola. Barcelos, 6 de Setembro de 1965.

O Arcipreste,
Padre Rodrigo Alves Novais

Cartas de algures

(Continuação da página 1)

camos esse local, movidos apenas pelo intuito de buscar uma base de discussão, tínhamos em mente a existência de outros, que talvez pudessem servir no caso da-quele não satisfazer às condições necessárias.

O que na verdade desejamos era uma discussão à boa paz com respeito às vantagens ou inconvenientes resultantes do local escolhido.

Nem mesmo estranharíamos se alguns críticos menos condescendentes viessem exclaimar, como em certos casos o fazem, com infinita graça, nossos irmãos brasileiros: Patacoada! Patacoada! Claro que tentariamos justificar-nos embora, de certo, concluíssemos por prudente retirada, batidos sem apelo pela fácil demonstração do nosso equívoco.

A sério. Dissemos outro dia que a prometida e tão desejada construção do Palácio da Justiça podia contribuir como causa indirecta para ser levantado um novo Teatro Gil Vicente em condições de corresponder às exigências do progresso, e dissemos ainda que dariamos um pouco mais de desenvolvimento à ideia nesse sentido expandida.

Cumpra-se.

A Quinta da Costariça em Cervães

Apontamentos Históricos e Genealógicos

por Ilídio Eurico Gomes Ramos

(Continuação do n.º 2832)

Alguns dos actuais descendentes da Casa da Costariça

Na impossibilidade de apresentar um estudo genealógico completo sobre a ilustre família Bacellar, por falta de elementos que julgamos necessários para esse fim, faremos no entanto menção neste trabalho de alguns dos seus últimos descendentes. São eles:

O Dr. João Cândido da Silva Bacellar, Senhor da Quinta de Coura, em Cervães, escritor e jornalista de nomeada, e distinto Médico na mesma freguesia, onde vive, na companhia de seus familiares.

Muito conhecido em Barcelos. Colaborou durante muitos anos no semanário «O Barcelense» e noutros jornais do país.

— Júlio de Sousa da Silva Bacellar, seu filho falecido em 7 de Fevereiro de 1952, no estado de casado, e uma filha do mesmo Doutor casada na Quinta de Coura com seu primo-co-irmão Adélio.

— D. Rosa do Patrocínio da Silva Bacellar, proprietária em Cervães e Braga.

— O Dr. José do Patrocínio Bacellar de Oliveira, ilustre e distinto

Reitor da Faculdade Pontifícia de Filosofia, em Braga, figura sacerdotal de elevado prestígio em Portugal.

— O Rev.º Frei João Evangelista Bacellar de Oliveira, ornamento precioso da Ordem Franciscana, da qual é devotado servidor.

— Adélio Bacellar de Oliveira, casado com uma sua prima na Quinta de Coura, Cervães.

— David Joaquim da Silva Bacellar, último Senhora da Casa da Costariça, falecido após prolongada doença na mesma casa, a 13 de Julho de 1965. Nosso bom amigo.

— D. Alcina da Cota Moreira de Castro, sua esposa, já falecida, professora oficial.

Geração de David Joaquim da Silva Bacelar

José Gabriel, aluno titular da Secção de Musicologia do Instituto dos Alto Estudos da Sorbonne, em Paris, e Professor da Guitarra Clássica na Academia de Câmara de Paris, com o curso da Faculdade de Letras da mesma universidade francesa.

Luiz Filipe, funcionário da Justiça em Valença do Minho e no Porto, e proprietário em Cervães, Vila Verde.

— João Eduardo, que frequentou a Escola de Sargentos Milicianos em Tavira, de cujo exercício veio a falecer em Abril de 1963, na cidade de Braga.

— António Cândido, afilhado do Dr. Cândido Bacellar, funcionário superior na Fábrica de Linhas da Senhora da Hora. Matosinhos, casado com D. Maria Arminda Borges Martins de Aguiar, com geração.

— D. Maria Isabel, professora oficial, que foi na freguesia de Calvelo, Ponte de Lima, viúva do Dr. José Gaspar de Sotomayor Carvalho Braga, Médico.

— Nuno Alcino, aluno que foi na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, e funcionário de Justiça na comarca de Barcelos, transferido há dois meses para o Tribunal Tutelar Central de Menores, no Porto.

— Carlos Manuel, casado com D. Maria Guilhermina Pereira da Cruz, ambos funcionários dos C.T.T., em Amares e Feira Nova, com geração.

E tantos outros vultos de destaque, que nasceram e viveram na Casa e Quinta da Costariça, berço de fidalgos de preclaríssima linhagem, que brilhantemente ilustraram as páginas gloriosas da História de Portugal, de céleres respeitabilíssimos de grande cultura, e de esforçados cavaleiros e soldados que, na defesa do reino, desde sempre e até ao nosso tempo, tanto tem honrado edignificado a memória de seus antepassados, muito a enobrecendo com suas generosas e cavalheirescas acções em favor de um Portugal cada vez melhor.

TOTOBOLA — 2 (19-9-65)

DE «O BARCELENSE»				
N.º	EQUIPAS	1	X	2
1	Beira Mar—Lusitano		X	
2	Barreirense—Varzim			2
3	Leixões—Porto			2
4	Benfica—Cuf		X	
5	Braga—Académica	1		
6	Espinho—Peniche	1		
7	U. Tomar—Covilhã			2
8	Boavista—Leça		X	
9	Almada—Sintrense	1		
10	Torriense—Atlético	1		
11	Olhanense—Portim.	1		
12	Leões—Alhandra			2
13	Luso—C. Piedade	1		

Falta de espaço

Por este motivo fica para o próximo número as reportagens da Missa Nova do Padre Manuel Inácio Rocha e da Romagem a Remelhe promovida pelo «Grupo Recreativo Olho Vivo».

Que nos desculpem os nossos leitores.

João de Santo André

Obras na Franqueira

Lista	Nome do Remetente	Importância	Localidade
278 — Ex.º Sr. João Duarte Veloso		500\$00	Barcelos
141 — D. Clotilde Maria da Costa Correia e devotos amigos		177\$50	Barcelos
249 — D. Maria da Glória de L. Bandeira Ferreira e Filha		20\$00	Barcelos
481 — Porfírio Ferreira e Família		50\$00	Barcelinhos
533 — Joaquim Lopes		20\$00	Barcelinhos
554 — José da Costa Vilaça, Família e Amigos		105\$00	Barcelinhos
108 — Ilídio Pimenta e colegas do Banco Pinto e Soto Maior		200\$00	Barcelos
295 — Joaquim Alves de Sousa e Família		100\$00	Barcelos
420 — Paulo Augusto Pereira e esposa		40\$00	Barcelos
425 — D. Emília Carolina P. dos Santos e Colegas Operárias		100\$50	Barcelos
A Transportar		2 416\$00	

Tintas Siclav

RUA 5 DE OUTUBRO, 195

Telefone 61422

PORTO

Têm o prazer de informar os s/ estimados clientes que nomeou seu Agente-Depositário nos concelhos de Barcelos e Esposende, a firma:

Augusto Figueiredo & Silva, L.da

Telefones 82225 e 82335

BARCELOS

A quem pedimos o favor de continuarem a honrar com as v/ sempre muito estimadas ordens.

.....
Bauknecht
Yuman
Siltal
Fiat
Pelicano
Atlantic

FRIGORÍFICOS

PREÇOS E CONDIÇÕES ESPECIAIS

NO ESTABELECIMENTO DE

Armindo Silva

Av. Dr. Oliveira Salazar, 19—Telef. 82708—BARCELOS

BASF PORTUGUESA, S.A.R.L.

Anilinas e Produtos Auxiliares
 Produtos Químicos
 Matérias Plásticas
 Resinas Artificiais
 Adubos NITROPHOSKA
 Insecticidas, Fungicidas, Herbicidas

Representantes da

BADISCHE ANILIN- & SODA-FABRIK AG, LUDWIGSHAFEN AM RHEIN, REP. FEDERAL DA ALEMANHA



CRIME

(Continuação da página 1)

—Quanto dais por este cordão e esta aliança?—perguntou o desgraçado com um interesse febril, a que o nervosismo dava expressões de desespero.

—Isso... isso... ora mostra cá... não dou mais de setenta escudos—ofereceu um.

Bernardo voltou um olhar para os outros jogadores.

—Não damos também mais de setenta.

—Setenta?!... Mas isto vale muito mais!

—E setenta se queres, senão vende a outro.

—Pois bem, seja! Deita para cá os setenta escudos... que podem ficar já na mesa.

—Setenta?—perguntaram os outros espantados.

—Sim, jogai—respondeu Bernardo.

—Que dizes, João?

—Jogamos, é uma vez.

—Então deita lá tu os dados.

O jogador lançou os dados na mesa.

—Quatro!—gritou Bernardo de contente ao ver marca tão fácil de ultrapassar.—Desta vez ganho, desta vez ganho... Conceição! Conceição!...

E tomando os dados, jogou-os com força.

—Três!—exclamaram os adversários, vibrando de entusiasmo e apoderando-se do dinheiro.

Um espasmo de delírio eletrizou Bernardo. Instantes depois levantou-se muito devagar, extremamente pálido e saiu, batendo a porta com força atrás de si.

A noite estava fria e escura. No firmamento tremeluziam as estrelas, palpitantes de luz. Nenhuma viração, nenhum ruído perturbavam o remanso silencioso de Ponte Verde.

Apenas Bernardo despertava aqui e além algum cão de guarda mais vigilante que atrova os ares com os seus latidos. De repente, estremeceu e começou a correr. Pela primeira vez na vida tivera medo. Mas medo de quê?!... Isso perguntava ele a si mesmo, parando de vez em quando a olhar para trás. Apesar do frio glacial que lhe cortava as faces, suave, suave e tinha arrepios, mas

corria, corria sempre na direcção de casa. De repente parou. Pareceu-lhe ouvir um ruído.

—Vem alguém atrás de mim!—pensou. E deitou a correr.

Alguns metros à frente, parou de novo.

—Mas porque me perseguem?—Escutou alguns momentos. Depois continuou a passo, murmurando:

—Ninguém. Era ilusão minha.

Pôs a mão na fronte; ardia-lhe de febre. Continuou a caminhar, pensativo e cabisbaixo. Algumas vezes parou, hesitou, quis seguir outro caminho, mas de novo, reflectindo, resolveu decididamente ir para casa.

Abriu a porta sem um ruído e parou no limiar. Uma luzinha mortua a custo permitia distinguir a um canto da lareira dois vultos. Bernardo aproximou-se silenciosamente para ver melhor: era a mulher e a filha.

Irene, sentada num banco, dormitava com a cabeça encostada à parede. Conceição dormia profundamente ao lado da mãe.

Bernardo tremia convulsivamente. A sombra que a fraca luz projectava atemorizou-o. Recuou um passo. Depois avançou de novo. Tinha na mão qualquer objecto que relampejou por momentos à luz da candeia. Aproximou-se ainda mais contendo a respiração. De repente fez um movimento violento e logo um grito agudo ressoou pela cozinha, acompanhado de um jacto de sangue que salpicou Conceição no rosto, acordando-a. Um corpo tombou depois. Irene estava morta.

O assassino recuou dois passos. Conceição correu para ele assustada e agarrou-o fortemente.

—Pai, tenho medo... tenho medo...

—Filha, minha filha, minha querida filha!—disse ele, desfeito em pranto, estreitando-a com loucura contra o peito. Depois afastou-a levemente de si.

—Conceição!... não quero que um dia te chamem a filha do... jogador e... assassino. Adeus! Adeus...

—Pai!...

A pequena tombou. O aço da na-

valha de Bernardo enterrara-se-lhe profundamente no corpo.

—Minha filha, minha querida filha!—bradou ele desesperado arrojando-se ao chão e tomando contra si o corpo inanimado que encheu de beijos.

As suas lágrimas misturavam-se com o sangue da filha que brotava abundantemente da ferida. Louco de dor, colocou os lábios na ferida e sorveu-lhe com avidez o sangue ainda quente.

—O sangue... o sangue da minha querida filha... o sangue...

Num último alento de vida, Conceição abriu os olhos e murmurou com voz fraca:

—Pai!...

Desesperado o pobre homem, rolo pelo chão, arrancando às mãos cheias os próprios cabelos:

—Ai o jogo!... Ai o jogo maldito!... Matem-me, matem-me porque matei a minha filha.

Depois conseguiu levantar-se e correu para fora gritando sempre:

—Matei a minha filha—matem-me!

Pobre mãe, pobre filha! Que morte horrível!... Criança! Infeliz criança, flor de inocência tombada na primavera da vida pela mão daquele que te idolatrava. Os teus lindos olhos estão fechados, teus lábios sem cor, teu peito e faces rubros de sangue...

sangue que era vida, beleza, amor, jaz agora nas lages, frio, morto, sem vida.

Criança!... Infeliz criança!... Que crime fizeste para morreres assim?!

Já longe de casa vai correndo e gritando o desesperado pai, Corre, corre através da floresta, sem rumo, sem destino, como um louco. Cai aqui, além precipita-se, levanta-se mais adiante.

O sangue jorra-lhe de todo o corpo, já poucas forças o acampanham, mas corre desvairado, grita esmpre:

—A minha filha, a minha querida filha.

A natureza parece despertar aos seus gritos aflitivos, repetindo-os em eco prolongado:

—A minha filha, a minha querida filha.

Foi-se internando na floresta. A espaços, os gritos lancinantes revoa-

PELO CONCELHO

FRAGOSO

Nota de Abertura—Falando de uma iniciativa recentemente o correspondente deste jornal aqui foi informado por pessoa amiga da intenção de ser dentro de pouco tempo posta a funcionar para exploração determinada indústria.

Embora por enquanto a iniciativa, a todos os títulos louvável vá não além de simples projecto, a pessoa em referência garantiu que custe o que custar a ideia se transformará em realidade.

Lamentou porém não poder esta ser instalada em Fragoso por não existir ainda a corrente eléctrica.

Terá pois de ser com manifesto prejuizo da já quãse nula economia local instalada noutro local certamente estranho ao concelho e até ao Distrito.

A sociedade exploradora constituída por vários elementos da freguesia está em organização e parece não ser fácil tentar com que desista do seu intuito e isso pode redondar num incerto de resultado contra-productivo.

Segundo relataram os jornais Diários de 24 do mês findo a D. W. V. vai enviar ao nosso país no fim do mês corrente uma Comissão encarregada de estudar a electrificação rural e como este caso interessa directamente à nossa freguesia apelamos uma vez mais para as Ex.mas autoridades na esperança de que em breve teremos resolvido um dos mais importantes problemas da nossa Terra—a electrificação.

Caso contrário graves coisas podem acontecer. Mas as culpas não cabem a todos.

—Vindo de França onde há mais de 30 anos exerce a sua profissão encontra-se aqui em goso de merecido repouso o nosso bom amigo e ilustre conterrâneo Sr. Manuel Gomes assinante de «O Barcelense».

A visita deste bom fragosense a sua Ex.ma família e numerosos amigos é já tradicional por esta quadra.

Agradecemos os seus cumprimentos e fazemos calorosos votos para que continue a visitar-nos sempre e com a melhor das disposições.

—Na manhã de ontem dia 6 foi vista em alguns sítios a primeira geada deste ano!

Vieira

AREIAS DE VILAR

Curiosidades—Muita gente conhece através de escritos vários, a Lenda do Monge e do Passarinho, Lenda esta contada como sendo passada na Cerca do Convento de Vilar de Frades, nesta freguesia. Já o Rádio Clube Português, na sua rubrica «Lendas da Nossa Terra» lhe fez referência.

Não venho agora, descrever novamente essa Lenda, mas sim dar uma noticia curiosa a esse respeito. Sempre ouvi dizer, a pessoas mais velhas do que eu, que num certo recanto da referida cerca a que chamavam o sitio do Passarinho, existiu em tempos uma Capelinha ali erigida em honra do Santo Monge. Da existência de uns caboucos de uma pequena construção, sou eu testemunha ocular, pois muitas vezes os vi, se tinham pertencido a capela ou não, é que nada posso afirmar. Nesse local, existia um canaviál, que os actuais proprietários mandaram destruir, com o intuito de cultivar essa terra. Passados dois ou três anos, um jornalista, ao amanhar a terra no preciso local onde se diz ter existido a Capelinha do Passarinho, encontrou um passarinho em bronze, pouco maior que um pardal. Tendo alguém achado graça a tal achado, adquiriu-o por poucos escudos e o guarda com certa curiosidade. Terá de facto este achado, ligação com a Lenda do Passarinho? Pertenceria a alguma antiga capelinha ali existente? Aqui registro a noticia e cada um lhe dará a fantasia que desejar. O que conto, é a verdade, no que res-

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

peita, claro está, ao achado do passarinho de bronze no referido local.

Missa Nova—No passado Domingo, dia 5, na Basilica do Sameiro, cantou a sua primeira «Missa Nova» o Reverendo Padre Sebastiao Jose de Sa Matos, filho desta terra. A festa revestiu-se da maior simplicidade, não havendo as manifestações habituais em todas as festas deste género, razão do luto ainda bastante recente da família do novo Presbitero, pelo falecimento de seu pai, o saudoso proprietário desta freguesia, senhor António Lopes da Silva Matos (Montinho). Após a Missa, foi servido um almoço no restaurante da Montanha Sagrada aos familiares e amigos intimos, que souberam compreender a razão, porque foi escolhido aquele local de silencio e oração para uma festa que a Areias de Vilar pertencia. Ao novo Presbitero desejamos um feliz apostolado e muitas felicidades pessoais.

Partiram para Carapito—Aguilar da Beira—onde foram passar o resto de suas férias, o senhor Afonso Paixão Tenreiro e sua Ex.ma esposa. Apesar de se encontrarem bem instalados, devem sentir saudades das margens do nosso Cávado, onde passaram muitas tardes agradáveis. Na Quinta do Sardão, propriedade da Ex.ma Senhora D. Maria Júlia Barreto Calheiros Cardoso de Albuquerque, encontra-se a passar umas bem merecidas férias, o Ex.mo senhor Dr. Armando Coimbra, Meritíssimo Juiz, acompanhado de sua Ex.ma Família. Cumprimos sua Ex.ª e agradecemos a sua honrosa presença nesta e sua terra.

Também se encontra nesta freguesia, a Ex.ma Senhora D. Maria Emilia da Encarnação Chaves Amoroso Whitemann, que com seus filhinhos veio gosar um pouco destes bons ares.

A passar o dia junto das margens do Cávado, que nesta freguesia, possui os encantos naturais mais privilegiados, deslocaram-se a esta localidade, no passado dia 29 de Agosto várias famílias do Porto e um numeroso grupo de pessoas de Tâmega Veríssimo. Estes fizeram-se acompanhar de tachos e panelas, tendo ali mesmo, à sombra dos salgueiros, confeccionado o saboroso almoço. Por ali se demoram até ao fim da tarde, cantando, dançando e divertindo-se à sua maneira, dentro da ordem e da disciplina. Que sejam benvidos, todos quantos nos queiram honrar com a sua presença, pois as margens do nosso rio e as suas areias, são convidativas ao descanso, meditação e até para a folia.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Externato D. António Barroso

SEXO MASCULINO—Alvará n.º 1.307

Largo José Novais—Telefone 82511—BARCELOS

ENSINO MINISTRADO

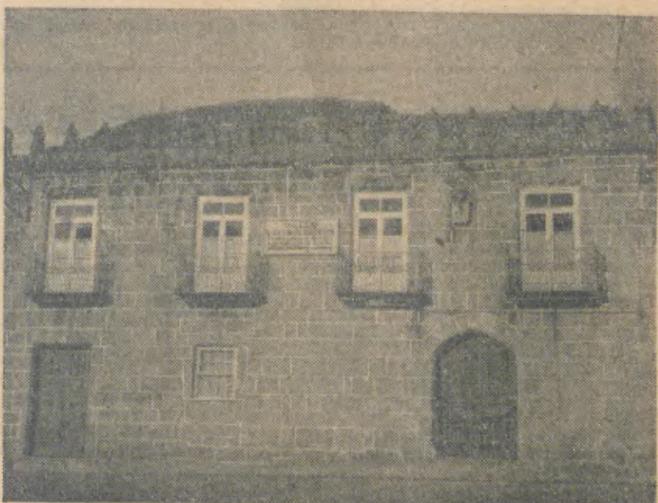
Curso Primário: Segundo os programas oficiais, desde a 1.ª à 4.ª classe e admissão ao Liceu e Escola Técnica

Curso Liceal: Curso Geral dos Liceus (1.º e 2.º Ciclos)

MATRÍCULAS—Efectuam-se de 31 de Agosto a 14 de Setembro

Alunos internos e semi-externos—**LAR DE S. JOSÉ**—Alvará n.º 1.591

QUINTA DO RIO—Telefone 82582



PELO CONCELHO

LAMA

Festividade — No dia dezanove do corrente realiza-se nesta paróquia a solenidade religiosa em honra do Sagrado Coração de Jesus, precedida de tríduo pregado por um distinto professor do Seminário Conciliar de Braga. Espera-se grande afluência de fiéis a ouvir a palavra de Deus, como já é timbre da nossa gente, bem como no sábado a abeirarem-se do tribunal da Penitência.

Haverá também a renovação das promessas do baptismo ou Profissão de Fé e ainda a 1.ª Comunhão de algumas dezenas de crianças, o que é sempre motivo de alegria em toda a freguesia nomeadamente nas famílias das crianças referidas.

Casamento — Realizou-se no passado sábado, dia 4, pelas nove horas na Igreja paroquial desta freguesia o enlace matrimonial da menina Maria da Conceição da Cruz Loureiro, filha do Sr. Joaquim da Silva Loureiro e Conceição da Cruz Loureiro residentes nesta freguesia da Lama, com Joaquim António Pereira Gomes Ferreira, filho de Joaquim Gomes Ferreira e de Maria Estela Pinto Basto Pereira, residentes em Famalicão.

Aos noivos desejamos as maiores bênçãos de Deus.

Visita — Recebemos a visita do Sr. Elias Pereira que de França veio visitar a sua Família. Quis trazer-nos uma avultada esmola, em cumprimento de uma promessa, que foi concretizada no douramento do sacário da Igreja Paroquial. Estamos muito gratos e desejamos que Deus continue a protegê-lo.

Futebol — No próximo Domingo realiza-se um torneio relâmpago, em disputa de uma taça, no campo de jogos da freguesia. Espera-se grande assistência e muita correcção, na disputa dos dois encontros que se realizam sucessivamente, aliás já é apanágio dos rapazes do Rel. Operário Futebol Clube e de todos os que nos visitam.

Em Férias — Encontra-se a veranejar na Póvoa de Varzim a Ex.ma Família do Sr. Cláudio Joaquim Gonçalves Ferreira. Fazemos votos de que passem os dias mais agradáveis.

TREGOSA

Na sua capelinha, situada em lugar sobranceiro e pitoresco donde se disfruta lindo panorama, realizou-se no passado Domingo, com o habitual brilhantismo e solenidade, a festa em honra de N. Senhora do Calvário.

A esta capelinha, cuja imagem de Nossa Senhora ali venerada, vestida de roxo com seu filho morto a seus pés simbolizando o drama sangrento do Calvário na hora suprema da nossa redenção, afluíu ali, a esta capelinha, hoje, cada vez mais, grande número de devotos, desta e de outras freguesias.

É um pai, é uma mãe que de joelhos percorre os quatorze cruzeiros espalhados pelo vasto escadório da Capelinha fazendo a Via Sacra, pedindo a Nossa Senhora do Calvário a protecção para um filho querido — um pedaço do seu coração — que luta no Ultramar pela defesa e integridade da Pátria; é uma esposa que rodada de seus filhinhos, tenros ainda, botões de rosa, a desabrochar para a vida, vai pedir a protecção da Virgem do Calvário para seu marido que trabalha no estrangeiro por uma luta que também é justa: a defesa do seu lar; o melhor estar de sua família.

E assim, Nossa Senhora, que no Calvário tanto sofreu por nós, pois por ela que não tinha pecados não lhe fazia falta a dor ou o sofrimento, atende a todos que lhe pedem. Mas, para que nos atenda nos nossos pedidos, é preciso que nós façamos também o que nos Ela pede: o nosso amor para com seu Divino Filho, que, no Calvário, deu a vida na Cruz para nos salvar.

Esta devoção a Nossa Senhora do Calvário, nesta freguesia, teve também o seu início como quaisquer outra devoção noutras localidades. Esta aqui, data já, a sua fundação do século XVIII. E, cremos se perpetue cada vez mais na alma do povo desta terra, a devoção para com Nossa Senhora, sob esta invocação: do Calvário, um dia, faremos a sua descrição histórica — em conformidade com a tradição — de claro —, pois outro documento não chegou até nós.

ABADE DO NEIVA

Dignidade do Sacerdócio — Na última ceia, em quinta-feira Santa, Jesus celebrou a primeira missa, quando consagrou o Pão e o Vinho tornando-os no seu Corpo e Sangue. Logo deu aos Apóstolos e a todos os seus sucessores o poder de fazerem o mesmo quando disse: todas as vezes que fiserdes isto, fazei-o em memória de mim. Instituiu então o Sacerdócio. Têm o poder Sacerdotal o Papa e os Bispos e também os simples padres. A estes, quando são ordenados, é-lhes dado o poder de benzer e consagrar, de perdoar pecados e de administrar outros Sacramentos. Não há no Mundo quem se lhes compare em poder e dignidade. Quem como eles, pode administrar Sacramentos, Santificar as almas, perdoar pecados, abrir de certo modo

as portas do Céu? A estes também foi dita aquela palavra de Jesus: «O que ligares na terra será também ligado no Céu». E esta outra: «Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados, aqueles a quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos». Pela sua boca é o Bispo que nos fala, é o Papa que nos ensina, é o Cristo que faz chegar até nós a Sua bênção, a encher de graça as almas. O Sacerdote é outro Cristo, por isso se lhe deve respeito e veneração. Como aos nossos pais, beijasse-lhe a mão em sinal de respeito, não essa que o Bispo ungiu de óleo Santo no dia da sua ordenação. Sempre que uma terra tem verdadeiro espírito cristão, o Sacerdote é estimado e querido por todos, quando ele não é estimado, ou se criticam as suas atitudes e acções é sinal certíssimo de que falta ali espírito cristão e de que esses estão muito longe da verdadeira religião. Quantos e quantos leitores no final desta leitura farão a si mesmos esta pergunta: — terei eu cumprido como verdadeiro cristão; tenho respeitado os padres, o meu Pároco, ou sou também dos que na mesa do café os critico? Diante da resposta da nossa consciência, tenhamos esta lembrança: — Ainda estou a tempo de me arrepender e pedir perdão ao Senhor!

Baptizado — No passado Domingo na Igreja Paroquial desta freguesia, recebeu as águas baptismas, com o nome de Maria Ester, a filha do Sr. Maria da Silva Ribeiro e do nosso amigo Sr. Manuel Pereira da Silva.

Foram padrinhos a menina Maria Ester Peixoto e o Sr. João Pereira da Silva.

Fontes Públicas — Graças a Deus, sempre teve a sua vez o arranjo da fonte de Quintão, de que ainda na semana passada nos referimos. Como prometemos, aqui estamos, para testemunhar o nosso sincero reconhecimento ao Ex.mo Sr. Presidente da Junta, e estamos certos, de que na primeira oportunidade terão resolução algumas fontes de mergulho que servem outros lugares desta freguesia.

Praias e Campo — Na Praia de S. Bartolomeu do Mar, acompanhado de alguns familiares, encontra-se o nosso respeitável amigo e comerciante nesta freguesia, Sr. José da Costa Mano.

— Na sua propriedade no lugar da Brela desta freguesia, encontra-se a Ex.ma Sr.ª D. Maria do Carmo Freitas, a quem cumprimentamos e desejamos uma feliz estadia entre nós.

Pereira da Silva

POUSA

Festa a Nossa Senhora da Esperança — A capelinha de Nossa Senhora da Esperança fica situada ao centro da nossa querida freguesia da Pousa, junto à estrada nacional.

Foi arranjada o ano passado tendo-se gasto nela cerca de 30 000\$00. É nesta capelinha que todos os anos se costuma realisar uma grandiosa festa em Sua honra.

Quantas pessoas vão ali à capelinha até junto da Senhora contar-lhe as suas mágoas, suplicar-lhe graças, pedir-lhe conforto a Ela que é a nossa Esperança!

No meio de todas as incertezas desta vida, escusa de temer aquela que se entrega totalmente à Mãe de Deus.

Do programa das festividades que este ano terão o maior brilho, atraindo por isso mesmo a si milhares de forasteiros, podemos salientar:

Dia 18, sábado: — As 8 horas, concesso dos irmãos da Confraria e devotos de N. S.ª da Esperança.

As 12 horas, instalação do potente e afamado alto-falante do nosso estimado conterrâneo S. Manuel Gonçalves Pinheiro.

As 21 horas haverá solene Hora Santa com sermão e procissão de velas.

Dia 19, domingo: — As 7 horas, missa rezada na Igreja Paroquial.

As 11 horas, missa soleníssima na capelinha de N. S.ª da Esperança.

As 15 horas dão entrada no recinto da Festa as afamadas bandas de música da «Casa dos Rapazes de Barcelos» e dos «Bombeiros Voluntários de Barcelinhos».

As 16 horas, terço e sermão na Igreja Paroquial, seguidos dum majestosa procissão na qual se poderão ver muitos andores e figurados.

As 21 horas, grande arraial minhoto o qual terminará com uma grande sessão de jogo de artifício.

Vamos pois todos, nos dias 18 e 19 da freguesia da Pousa à festa de Nossa Senhora da Esperança a pedir-lhe todas as graças de que precisamos.

Mudança do cruzeiro — Em 1931 fez-se um grandioso cruzeiro que foi colocado em frente à Igreja Paroquial da Pousa tendo sido pago pela saudosa benfeitora Senhora D. Joaquina Lopes Leal.

Como em 1938 foi inaugurada a nossa Igreja paroquial que deixa encantados todos quantos a visitam, este cruzeiro ficou um pouco deslocado da frente da mesma.

O Sr. Dr. Edmundo Barbosa, distinto advogado no Porto e que actualmente está a passar férias com sua querida família nesta freguesia, donde é natural e donde é um grande benfeitor, tomou a seu cargo as despesas da mudança do cruzeiro para o local em frente à Igreja.

O cruzeiro já foi desmontado do sitio onde esteve até hoje e agora está a proceder-se à sua montagem no terreiro em frente à Igreja Paroquial.

Ao Sr. Dr. Edmundo Barbosa o nosso sincero obrigado por mais este benefício que com tanta generosidade fez para engrandecimento da freguesia da Pousa.

Areal de Gaido — O ilustre correspondente de «O Barcelense» em Areal de Vilar referiu-se no passado dia 28 de Agosto ao nosso pic-nic ao areal de Gaido da dita freguesia local, sem dúvida, o mais aprazível para passar umas horas de recreio.

O nosso obrigado.

A. A. Ribeiro

AIRÓ

Romagem ao Sameiro

Por iniciativa do Sr. Joaquim da Silva Dias, digníssimo regedor desta freguesia, foi organizada no passado dia 16 de Agosto, dia de S. Joaquim, pai de N. Senhora, uma excursão dos Joaquins de Airó, onde tomaram parte além dos Joaquins, diversas pessoas.

Esta romagem de preto e gratidão teve a sua organização e saída daqui pelas 9 horas da manhã; fazendo-se acompanhar pelo Rev.ª Padre Martins de Costa, capelão da Casa de Vilar de Frades, que à chegada ao Sameiro celebrou missa em honra de S. Joaquim.

Desde já vão as nossas felicitações e parabéns para todos os Joaquins e em especial ao Sr. Joaquim da Silva Dias pela sua iniciativa.

Falecimento — Faleceu no passado dia 15 do corrente na vizinha freguesia de Gamil a S.ª Rosa Coelho, muito estimada sogra do nosso amigo e assinante deste jornal e abastado proprietário desta freguesia Sr. Joaquim Abraão Gomes.

A família em luto os nossos sinceros sentimentos.

Casamento — Foi no passado dia 4 do corrente, que se uniram com os laços matrimoniais o nosso conterrâneo e amigo Sr. António Lopes Fernandes, filho da Sr.ª Maria da Paz Lopes da Silva, viúva, desta freguesia, com a menina Carminda Amorim de Azevedo, filha do Sr. Bernardino Gonçalves Azevedo e da Sr.ª Delfina Gonçalves Amorim, de S. Miguel da Carreira. Os noivos vieram habitar depois de tudo terminado na freguesia de S. Miguel, para esta de Airó, de onde o noivo é natural. Desde já vão para os noivos os nossos votos de felicidades sem fim.

C.

ALVELOS

Chegou ao nosso conhecimento, que o nosso amigo conterrâneo Sr. Artur António Gomes Torres, residente em Caracas, Venezuela, filho do proprietário Sr. António Gomes Torres, desta freguesia, deu ordem ao seu procurador Sr. João José de Miranda, muito considerado proprietário desta freguesia, para comprar 3 opas e oferecê-las à nossa igreja paroquial a fim de servirem nas festas juntamente com uma bandeira de S. José que já tinha oferecido há dois anos.

Estes actos merecem louvor, porque mesmo longe da sua terra natal não se esqueceu das necessidades da igreja onde foi baptizado. Esperamos que continue a ser benemérito, e assim, despertará outros conterrâneos ausentes espalhados por esse Mundo de Cristo.

Enviamos-lhe o nosso muito obrigado e desejamos-lhe que S. José, Padroeiro das famílias cristãs, o proteja em todas as obras da sua vida.

Melhoramento — A Junta desta freguesia, com o seu sacrificio, conseguiu mais um melhoramento no Fontanário de Santa Cruz (Senhora das Dores).

Na verdade, não ficou obra de luxo, mas ficou muito lindo, mais higiénico como merecia, a bica distanciada uns metros de um pequeno tanque que serve para os animais beber, há água para regar o jardim de Nossa Senhora das Dores e ainda para outras utilidades públicas.

Estamos agradecidos à Ex.ª Câmara Municipal e seus técnicos em terem accedido ao pedido da Junta de Freguesia. É de agradecer a todas as pessoas desta freguesia que colaboraram neste melhoramento, nomeadamente ao Rev.ª Pároco como usufrutuário das sobranças que achou muito justo e de necessidade esta obra, bem como, aprovou a limpeza da mina da sua nascente que muito necessitava.

C.

Vende-se

Arma de caça calibre 12 de 3 tiros, marca Saint-Etienne.
R. D. António Barroso, 139

Venda de Pinheiros

No dia 15 do corrente, pelas 18 horas, na freguesia de Gemeses e no entroncamento da estrada da Igreja com a da Barca do Lago, há-de proceder-se à venda de boa partida, marcada em várias bouças.



RELOJOARIA LISBOA

RUA D. ANTÓNIO BARROSO, 67 — BARCELOS

RESPONSABILIDADE TÉCNICA DE:

JAIME MATOS ARAÚJO
(RELOJOEIRO DIPLOMADO)

GRANDE SORTIDO DE RELÓGIOS, QUE VENDE BARATO PARA VENDER MUITO

Representante dos afamados relógios UNIVERSAL, o mais avançado

aperfeiçoamento da Técnica Relojeira Suíça

UNIVERSAL POLEROUTER JET

(MICROTOR AUTOMÁTICO)

O relógio mais aperfeiçoado do mundo!

CARROS USADOS (em bom estado)

- 1 — Forgonette «MORRIS» fechada «1961» Diesel — 1300 kg carga
- 1 — Forgonette «MORRIS» fechada «1962» de 400 kg. carga
- 1 — Automóvel «MG» MIDGETT «1961» COM GARANTIA
- 1 — Automóvel «VAUXHALL» — 3.500\$00

GARAGEM CASTRO

Telefone 82408

BARCELOS

Especialidades dos Estabelecimentos Arantes

Sonhos e Paralelos * Fitas de carpinteiro

CAFÉ ESPECIAL — PUDINS

Bacalhau Recheado

Vinhos Branco e Tinto

CAMISAS CUECAS CAMISETAS PIJAMAS

Confecções «Barcélia»

Telefone 82784

Rua D. Diogo Pinheiro, 43
Campo Camilo Castelo Branco

BARCELOS

(PORTUGAL)

Os tempos já são outros!

O progresso alcançado na indústria de Amplificações Sonoras permite agora, devido ao seu custo muito mais reduzido, que todas as Igrejas, Fábricas ou pequenas Oficinas disponham do seu sistema sonoro adequado.

Para mais pormenores, peça Orçamentos grátis ou demonstrações no local, sem compromisso, a

ARMINDO SILVA

(ao lado do Senhor da Cruz)

Telef. 82708

BARCELOS

Vendem-se

Registadora «National», em bom estado de conservação.

— Balcão repleto de gavetas em madeira de Riga.

— Papeleira para escritório em castanho.

— 3 bancos redondos.

Rua Bom Jesus da Cruz, 19

— BARCELOS —

Armazém — Aluga-se

Na Rua Dr. Manuel Pais aluga-se um, bastante espaçoso.

Informa na Casa Coutinho, na mesma rua.

Campo — Vende-se

Junto ao cemitério de Barcelinhos, na estrada Barcelos-Póvoa, vende-se um bom campo.

Informa o Sr. António Bandeira dos Santos, na Rua de S. Francisco, 33 — Barcelos.

MELÕES

Depois do êxito alcançado o ano passado com os seus melões, A Regional tem este ano milhares de bons melões que já estão à venda.

A REGIONAL

Rua Bom Jesus da Cruz

100 CONTOS

Emprestam-se, sob primeira hipoteca.

Informa esta Redacção.

Aziúmes dum homem de mau humor

(Continuação da página 1)

monárquicos, como, principalmente, republicanos.

Deste desvio nada resultou de positivo para o operariado, senão algumas ideias, alguns princípios, nada mais. Ou alguns empregos públicos para um ou outro, que abandonara a oficina ou o balcão pela repartição burocrática.

A pressão política, essa, devido à ambição daqueles que a dirigiam, desde Fernandes Tomás, José Estêvão, Passos Manuel, Marechal Saldanha ou José Alpoim, até Afonso Costa, António José de Almeida, Brito Camacho, António Maria da Silva, originava um período largo de perturbações sociais, com golpes de Estado, pronunciamentos, revoluções, acompanhados de vandalismos, brutalidades, violências e, até, cenas de sangue e de terror, que culminaram na data fatídica de 19 de Outubro de 1921.

Os políticos — de modo geral — acima dos interesses nacionais e da prosperidade do país colocavam seus próprios interesses, pessoais ou ideológicos, mesmo à custa dessa prosperidade e da tranquilidade e paz da sociedade portuguesa cada vez mais fanaticamente excitada de todo e qualquer lado da barricada, em todo e qualquer campo e sector, esquerdo, direito, central...

O operariado, supondo, pela propaganda dos *meneurs*, que os seus interesses estavam em dados partidos políticos, neles se filiava por um partidarismo que se servia dele como degrau — salvo um ou outro emprego público, dado aqui e além, a um ou a outro...

A reacção contra este estado de coisas apareceu, como era natural e inevitável, e acabou por triunfar, sob a forma do movimento de 28 de Maio de 1926, o qual, após algumas oscilações, acabou por fixar o seu rumo, após o famoso discurso da Sala do Prisco, naquilo que pode — e deve — chamar-se o *Salazarismo*.

O Salazarismo não tem doutrina específica, oportunamente exposta; mas podem deduzir-se muitos dos seus princípios fundamentais, seja os que enformam a Constituição Política de 1933, seja os que o desenvolvimento social e económico posterior fez surgir.

Um desses princípios foi o aproveitamento do que havia de valor útil na lição do passado — de que procede o presente — e, entre os aproveitamentos realizados encontra-se a restauração do Corporativismo, não nos moldes anteriores a 1834, mas em moldes actuais, tidos por mais proveitosos.

Tem-se perguntado muitas vezes, ante o fracasso de certas realizações, se as instituições são boas e seus serventários maus, ou se os homens são bons e as instituições são más e não lhes permitem servir em pleno rendimento.

A resposta deve ser encontrada no meio-termo: Um bom servidor, inteligente, activo, honesto, pode tirar bons resultados duma instituição má e uma instituição boa não decai profundamente quando servida por mau serventário, nem inteligente, nem activo, nem honesto.

Boas instituições, com bons servidores — são um paraíso.

Más instituições, com maus servidores — são um inferno.

A questão, pois, é encontrar o homem adequado para a instituição. Relativamente ao Corporativismo Português, temos de confessar que têm aparecido alguns bons servidores nos lugares culminantes, como Teatónio Pereira, Soares da Fonseca, Veiga de Macedo, Gonçalves de Proença, e, durante o tempo que servem, o Corporativismo se tem enriquecido de sucessivas e benéficas aquisições.

Todas elas tendem a concretizar, em factos palpáveis, o slogan de Salazar:

Enquanto houver um português sem pão, a Revolução continua.

Este pão é, sem dúvida, o alimento real, necessário à conservação física do indivíduo, conseguido, com suficiência e abundância, à custa dum trabalho honesto retribuído por justo salário familiar.

Mas, é mais alguma coisa: o vestuário confortável e decente; a habitação cómoda e limpa; a higiene que garanta a robustez e a saúde; a educação que permita o aperfeiçoamento máximo das qualidades e

aptidões individuais; a repousante distração, que compense das fadigas do trabalho; o alimento espiritual que, elevando o nível moral, mostre as belezas da verdade sobrenatural; a previdente garantia duma verdadeira solidariedade social; a humana compreensão da personalidade; e, acima de tudo isto, enquadrando este conjunto de aspirações sociais, colectivas, algumas em via de realização evolutiva, a grande certeza, a grande garantia de que, todos serão saciados de JUSTIÇA — quando a Justiça recorreram.

A caminhada é longa, é árdua: o caminho está semeado de encolhos, desde a ignorância, incapaz de discernir onde está o bem e o mal, a verdade e a mentira, o útil e o nocivo, até à inimizade que, sabendo, perfeitamente, discerni-los por egoísmo ou malevolência, serve o mal, a mentira, a nocividade, passando pela indiferença, que também os distingue, mas é como se não existissem, por falta de vocação, de humanidade, de sensibilidade.

A caminhada é longa e árdua: mas há-de levar-se a termo, com a boa-vontade, a imparcialidade e o espírito de justiça de todos os que são inteligentes, honestos e activos e lutam para o bem estar de Portugal através do Corporativismo.

Falção Machado

A LAVOURA EM FOCO

(Continuação da pág. 1)

dirigido à Lavoura do nosso concelho pela Comissão de Viticultura para apresentar as suas queixas em processo de inquérito instaurado à respectiva Delegação.

Consta-nos que está provado que nesta Delegação da Comissão de Viticultura se passaram dezenas de guias para trânsito duma bebida que não podia ser vinho verde mas que circulou e foi vendida como tal. Essas guias eram retiradas dos manifestos dos produtores, sem o seu conhecimento, excedendo-se em muitos casos a quantidade manifestada para venda.

Tal conduta causou manifestos prejuízos a todo o viticultor da Região dos Vinhos Verdes, mas estes nada mais têm a fazer do que aguardar procedimento adequado da Comissão de Viticultura, organismo criado para a defesa da Viticultura da Região.

Mas para além da responsabilidade que cabe à gente do Grémio está a gravidade do acto praticado por aqueles que ali levantaram as guias cometendo assim o crime de falsas declarações ao representante do Delegado da Comissão de Viticultura.

Poderão ficar impunes os autores de dois crimes: falsas declarações e venda duma mistela, por vinho verde?

Parece que um negociante levou a sua imaginação ao ponto de obter as guias, tudo figurando como se essa bebida saída dos seus armazéns fosse vendida ao retalhista directamente por lavradores, com quem não havia efectuado qualquer negócio, mas de cujos manifestos eram sacadas abusivamente as guias.

Este não só praticou os crimes já citados como ainda lesou gravemente a Fazenda Nacional ocultando elevado número de transacções que deveriam ser consideradas para efeitos de lançamento do respectivo imposto.

Perante estas faltas, certamente não ficarão indiferentes as autoridades competentes a quem esses senhores um dia serão chamados, não para receberem uma comenda mas para prestarem contas pelos actos praticados.

VALE LIMA

Casal sem filhos

Precisa-se casal, sem filhos, que saiba de hortelão, tratar videiras, adega e alambique.

Exigem-se referências e condições. Resposta a este Jornal.

O Caminho de Santiago

(Continuação da página 1)

troca de escudos por pesetas. E então havia a preocupação de cambiar coisa que se visse — ir a Santiago e não fazer compras era como ir a Roma e não ver o Papa. Aqui, em Valença, o Comandante Costa e os Bombeiros esperavam pela segunda metade da caravana. Havia que pagar os salvos condutos pois o 10, o António Santos queria contas em ordem. A operação foi fácil e chegados à alfândega a burocracia quase não existiu, o que merece elogios.

Estamos já em terra espanhola, em plena «rias hajas», a caminho de Santiago. A paisagem não nos dá uma diferenciação de país. Portugal continua-se Espanha dentro, formando uma região topográficamente quase indistinta. Talvez que a cor das nossas casas seja a única nota mais favorável ao minhoto, pois o Minho português é mais caído, mais vivo os seus aglomerados

Para não haver um vencido, e quando o há, existe também um vencedor, diremos que admiramos a maneira de vestir das componentes galegas, pois trajavam como se na cidade andassem, com fatos garridos a puxar os carros de bois. Nota de elevação social, sem dúvida, que muito nos apraz registrar, até mesmo para mostrar às nossos «moças» a dignidade de qualquer profissão, como a da lavoura.

O caminho de Santiago começa em Barcelos; associamos a lenda do galo, o peregrino e Santiago e ali, no museu arqueológico talvez nos dê uma nota de viagem que aprofundaremos para a próxima semana. Entretanto a caravana dos Bombeiros de Barcelos galga quilómetros, aproxima-se de Compostela e vai vivendo o antanho através de maravilhosos cruzeiros que indicam aos peregrinos o bom caminho para o lugar Santo.

R. C.

Nesta Redacção

Tivemos o grato prazer de cumprimentar nesta Redacção os nossos estimados amigos, Sr.: Padre Abel Gomes da Costa, Padre Joaquim G. Beirão, Professor João Gonçalves Gomes Beirão (recentemente chegado de Moçambique), D. Elisabete Felgueiras Rodrigues, Eng.º Manuel Sá Carneiro, Padre Manuel de Faria Gomes, Padre Francisco Gonçalves de Oliveira F. Rios Novais. Os nossos agradecimentos.

Casa de Pasto

Casa de Pasto muito afreguesada, passa-se, em Barcelinhos. Informa esta Redacção.

FESTIVAL VICENTINO

(Continuação da pág. 1)

Ao célebre contra-ponto, «Todo-o-Mundo e Ninguém», Gil Vicente dá-nos a conhecer toda uma teoria humana de uma actualidade tão flagrante que, sobre o texto original, note-se, bem, não resistimos a fazer envergar as roupagens dos nossos dias, às suas quatro personagens.

O «Auto da Mofina Mendes», também chamado «Mistérios da Virgem» é uma das últimas obras que o talento incomparável de Gil Vicente, que Menezes y Pelayo, considera o maior escritor da Europa do seu tempo, criou, apresentando-nos num mesmo auto, duas formas de teatro bem distintas — o teatro hierático (Anunciação e Natal) e o teatro profano (o saboroso passo da azugada Mofina Mendes).

— : —

Este espectáculo pretende, acima de tudo, patentear quão belo e actual é o texto vicentino, que, atingindo cinco séculos de existência, conserva, em todo o seu vigor, a frescura e a perenidade das obras de eleição.

Procurou-se transpor para o palco de hoje a sua linguagem original, tão carregada de conceitos e de uma beleza ora agreste, quando é usada, por exemplo, por um Paio Vaz, ora de uma transparente delicadeza, quando dita pela Virgem ou por um Anjo.

Com a humildade da nossa condição de amadores de teatro — amador é aquele que ama — tudo tentamos para que o texto Vicentino seja a primeira figura deste serão.

— : —

E agora, como diria Mestre Gil, escutem Vossas Mercês, Senhores homens de bem, os versos do nosso primeiro dramaturgo que os elementos do «Círculo de Iniciação Teatral de Barcelos» vão procurar viver, com o amor do seu amor pelo teatro.

C. A.

As notas transcritas são da autoria do Dr. Correia Alves. Homem de teatro que a Barcelos está a dedicar muitas das suas horas que deveriam ser de descanso. Correia Alves ama o teatro, gosta de transmitir esse amor a outros, quis incentivar o C. I. T. B. e conseguiu-o. Este espectáculo Vicentino é a prova eloquente da sua capacidade de encenador, pois transformou jovens em actores de mérito, mas o público estará lá, nas Ruínas Ducais, para avaliar o trabalho dos nossos jovens.

O C.I.T.B. é uma instituição nova, de jovens de todas as idades. Sacrificios têm sido imensos. Muitas horas foram gastas para que este espectáculo não fosse somente um sonho. Para além de todo o desgaste moral e físico, há as enormes despesas com a montagem da máquina teatral, em que se gastou cerca de 20 contos. Tal quantia tem de ser paga com a generosidade do público que acorrerá em massa ao Velho Paço Ducal, local de tanta grandeza, que hoje, amanhã e segunda-feira reviverá um pouco essa grandeza de antanho.

Como Correia Alves, dizemos: «E agora, como diria Mestre Gil, escutem Vossas Mercês, Senhores homens de bem, os versos do nosso primeiro dramaturgo que os elementos do Círculo de Iniciação Teatral de Barcelos vão procurar reviver».

— : —

Os sócios do C.I.T.B. têm o desconto de 50% no seu bilhete, desde que tenham as cotas em dia.

Os bilhetes para os espectáculos de hoje e amanhã estão à venda nas Pastelarias Colonial e Galo Negro e no Posto de Turismo. No dia dos espectáculos funciona uma bilheteira nas ruínas.

LAR NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

COM ORIENTAÇÃO DE PROFESSORA DIPLOMADA

EDUCAÇÃO DE MENINAS

Internato • Semi-Internato • Salão de Estudo

♦♦♦♦

PREPARAÇÃO PARA EXAMES DE ADMISSÃO

: : AO ENSINO TÉCNICO E LICEAL : :

♦♦♦♦

Campo Camilo Castelo Branco, 37

Telefone 82266

BARCELOS



PHILIPS

É A MAIOR ORGANIZAÇÃO MUNDIAL EM EQUIPAMENTO MUSICAL E ELECTRO-DOMÉSTICO, PORQUE

Produz e vende muito e dá a melhor assistência técnica ao cliente. Por isso os produtos PHILIPS são preferidos em todo o MUNDO.

UM BOM RÁDIO

só PHILIPS

Para o seu automóvel — um RÁDIO PHILIPS PHILIPS em sua Casa — no Campo ou na Praia

Consulte: Agente Oficial PHILIPS

Armando Faria Fernandes

Telefone 82602

Av. Combatentes da Grande Guerra

BARCELOS